

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 2883 - 1CA **Tópicos de Filosofia da Cultura**

PERÍODO: 2026.1 **Carga Horária Total: 45 horas** **Créditos: 3**

HORÁRIO:
5ª
16h às 19h **Professores:** Luiz Camillo Osorio e Lucia Barros

OBJETIVOS	<p>Os impasses da crítica: se é que ainda há espaço (e tempo) para a crítica.</p> <p>Em 1968 numa conferência no MoMA Leo Steinberg colocava como tarefa pensar outros critérios para a crítica – para além dos parâmetros formalistas de Clement Greenberg. Esta busca tem sido uma constante do juízo crítico desde Baudelaire, mas sempre tendo em vista uma narrativa histórica hegemônica. Isso se desenvolvia paralelamente à questão da autonomia da arte, ou seja, de como assumir uma relação com o mundo que fosse acima de tudo produtiva. Unindo a atitude crítica e a autonomia da arte, surge a imaginação enquanto faculdade emancipatória, que não reproduz o instituído, mas forja o não sabido. Muito embora não haja uma definição unívoca acerca da constituição da autonomia da arte, não raro, ela está inscrita em uma relação de indeterminação entre a intenção do artista e os desdobramentos sensíveis e semânticos da obra. Não obstante a vasta gama de discussões acerca da relação entre arte, autonomia e política, é possível afirmar que, ao longo do século XX, a política da arte esteve vinculada à potência da própria obra e não aos objetivos do artista.</p> <p>Há algumas décadas, corpos historicamente marginalizados do circuito de arte buscam não só inserir-se no cânone, mas deslocá-lo e multiplica-lo. Tal diversidade de corpos convoca outros modos de ser das obras e abre modos de sentir para além daqueles constituintes do nosso repertório crítico. Hoje, a origem e a intenção do artista introduzem novas narrativas visuais e outras demandas poéticas. Como incluir este lugar de inscrição de corpos heterogêneos, sem que isso implique retomar uma dinâmica representacional para a arte, que engessa a dimensão subjetiva da experiência estética – lugar por excelência da imaginação produtiva.</p> <p>Neste contexto, a concepção de autonomia, tal como fora predominantemente concebida, é abalada e, por conseguinte, a relação entre arte e política precisa ser renegociada. Diante da necessidade de repensarmos a relação entre obra, autoria e autonomia surgem algumas questões: como pensarmos o engajamento do artista sem abrir mão da abertura de sentidos da obra? Como o espectador</p>
------------------	---

	<p>permanece emancipado, afirmando sua liberdade e seu exercício experimental, tal como formula Jacques Rancière? Ou seja, como participante da constituição de sentidos da obra ao mesmo tempo em que lida com os necessários desafios éticos que estão em cena no contemporâneo? Como imaginar a hibridação dos corpos heterogêneos, na experiência, também ela heterogênea, de produção de sentido a partir do contato imanente com as obras?</p> <p>Na primeira parte abordaremos algumas reflexões acerca da autonomia da arte no século XX e seus desdobramentos políticos a partir de autores como Jacques Rancière, Hannah Arendt, Jean-François Lyotard e Michel Foucault. No segundo momento, discutiremos novas formas de pensar a relação entre arte, autonomia e política por meio de autoras que não estão tradicionalmente associadas à estética, tais como a antropóloga Marisol De La Cadena, Bruno Latour, Georges Didi-Huberman e Donna Haraway, cujos trabalhos colocam em questão modos de negociação entre diferentes existências, saberes e, até mesmo mundos. Com estas leituras temos o objetivo de indagar como podemos cuidar das demandas éticas do presente, sem abrir mão de pensarmos a dimensão política da estética enquanto o deslocamento para novas imaginações.</p>
EMENTA	DESENVOLVIMENTO E APROFUNDAMENTO DE QUESTÕES RELATIVAS A FILOSOFIA DA CULTURA.
AVALIAÇÃO	<p>Categoria Trabalho Final</p> <p>CATEGORIA 3</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	<p>RANCIÈRE, J. – O mal-estar na estética, SP, editora 34, 2023.</p> <p>ARENDT, H. – Lições sobre a filosofia política de Kant, RJ: Relume-Dumará, 1993.</p> <p>LATOUR, B – Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. O que nos faz pensar. jul. 15, 2020</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	<p>DIDI-HUBERMAN, G. – Gestes Critiques, Paris: Editions Klincksieck, 2024.</p> <p>FOUCAULT, M – “O que é a crítica? (crítica e aufklärung)” - https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf</p> <p>BUTLER, J. – “O que é a crítica: um ensaio sobre a virtude em Foucault” - https://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/critica.pdf</p> <p>LYOTARD, J-F & THÉBAUD, J-L. – Just Gaming, Minneapolis: Univ of Minnesota Press, 1989.</p> <p>DE LA CADENA, M. <i>Seres Terra: Cosmopolíticas em mundos andinos</i>. São Paulo: Bazar do Tempo, 2024</p> <p>HARAWAY, D. Saberes Localizados. In: <i>Cadernos Pagu</i> (5) 1995: pp. 07-41</p>